

Resenha

Žižek, Slavoj. *A coragem da desesperança: crônicas de um ano em que agimos perigosamente*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ISBN 9788537817636

Leonardo Domingos Braga da Silva*

Neste livro, com o subtítulo de crônicas, encontramos extensos comentários de Slavoj Žižek sobre alguns dos acontecimentos mundiais contemporâneos, com maior destaque para os conflitos em torno do partido radical grego Syriza e do terrorismo. Além disso, a politização da sexualidade e o colonialismo são também temas recorrentes nesse texto. A estrutura temática se deve ao fato de o livro ser uma resposta, segundo o autor informa no prefácio, às provocações que sugeriam algo de colonial, machista e politicamente incorreto nos escritos e palestras anteriores do autor. Por ter essa pretensão, a escrita de Žižek assume uma clareza inesperada para um autor quase sempre herético e ambíguo; indo direto para as conclusões teóricas as que se deve chegar a partir das posições desenvolvidas em outras obras e para os tipos de ações práticas que se deve esperar de tais posições. O vocabulário teórico (lacaniano, hegeliano, marxiano, etc.) usual do autor faz uma participação mais comedida do que em outros textos, mas com precisão em relação à finalidade argumentativa; precisamente por isso, é uma obra que pode faltar em profundidade teórica, sendo mais um comentário, uma crônica informada pela teoria. Com risco de exagero, poderíamos afirmar que se trata de uma aplicação da sua teoria da ideologia e da filosofia política ao mundo prático.

O título é explicado por uma apologia a encararmos os problemas de frente, sem qualquer véu: “aceitar as consequências do fato de que não há alternativas discerníveis” (Žižek, 2019, p. 10). O texto ocupa-se nos capítulos iniciais dos conflitos que envolvem o islamismo e os imigrantes; a segunda parte trata da nova esquerda e suas pautas e a última parte trata dos rumos da democracia após a ascensão do populismo (marcado pela eleição de Donald Trump nos EUA). A conclusão discute a falta de radicalidade da população mundial ante os problemas climáticos. Assim, o livro é uma dura crítica ao negacionismo, não apenas da direita, como também ao da esquerda liberal (a maioria da esquerda do séc. XXI, segundo o autor).

Argumentos do texto

O principal argumento de Žižek acerca do decolonialismo consiste em afirmar que ele não traz uma verdadeira libertação, porque rompe com o solo, da universalidade, necessário para uma libertação. Segundo o autor, o decolonialismo põe o fracasso

* Mestrando em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, RN; Bacharel em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, RN (2019). E-mail: leonardexistimans@gmail.com.

de universalização feita pela Europa como um fracasso de toda possibilidade de universalismo. Mas, a ironia é que essas críticas sejam feitas em sintonia com o momento do capitalismo que já não precisa dos valores culturais do Ocidente (igualitarismo, direitos fundamentais, Estado de bem-estar social) para funcionar bem e está funcionando em harmonia com a modernidade alternativa autoritária; i.e., China, Afeganistão, países europeus, da América Latina e da África estão adotando o necrocapitalismo e neoliberalismo, com ou sem Estado forte. Poderíamos somar ao argumento de Žižek a tendência global ao anarcocapitalismo, tendência crescente, no qual as instituições dão lugar aos indivíduos organizados em milícias e grupos econômico-identitários (como igrejas).

É provável que, por isso, o autor note uma degradação crescente da esfera pública (na substância ética) que aparece como uma privatização do público que invadiu até mesmo a esfera da comunicação. Desse modo, Trump teria provocado uma péssima "reestruturação radical de todo o espaço político" (p.332) através de uma degradação dos costumes, dos bons modos, da moral. Essa degradação, afirma o autor, é a causa do crescimento do politicamente correto (como reação) que atua como manual do que é proibido dizer (e pensar). Todavia, afirma, é um mau substituto para o que antes eram as normas morais implícitas e ainda corre o risco de engessar o pensamento, pois que, ao contrário das primeiras, o politicamente correto não tem espaço para a ironia e o distanciamento, essenciais ao pensar, pelo contrário exigindo antes uma identificação com o dizer, uma sinceridade no uso politicamente correto das palavras. Para o autor, o principal problema com o politicamente correto é que ele dá uma gratificação substitutiva para os problemas concretos: mudamos as palavras e ficamos satisfeitos, sem tocar nas fontes.

Mas, poderíamos dizer, há também um esforço da esquerda em resolver os problemas que estão na base do sofrimento de minorias. Quanto a isso, Žižek apenas acrescenta que se tem esquecido as lutas que unificam a todos: as lutas contra o capitalismo e em torno dos bens comuns (como a natureza). Assim, ele convoca a esquerda preocupada com o politicamente incorreto de presidentes como Trump para perceber que ele é apenas uma catástrofe menor, comparado ao mal concreto que o capitalismo causou e irá causar, isto é: a possibilidade de uma nova guerra mundial, as desigualdades que solapam a liberdade concreta das pessoas e das democracias e ainda, o capitalismo, promove a destruição da natureza e das condições para a vida. Contra esse pano de fundo, a solução não pode ser outra que a de um acontecimento radical.

Žižek responde às críticas por sua fala (sarcástica) de que Trump seria uma boa opção para as eleições afirmando que Clinton traria o efeito placebo de um liberalismo que nos dá tudo desde que não toquemos no capitalismo e em tudo que ele implica. A provocação do autor é apenas para que o escândalo de Trump desperte a esquerda e mostre que as fronteiras entre direita e esquerda foram obscurecidas, pois a agenda econômica e o Estado de bem-estar social de ambos permanecem quase idênticos. A ironia máxima é que: "um regime autoritário pode ser mais essencialmente democrático do que uma democracia" (Žižek, 2019, p.124). Com isso, podemos dizer que diferença entre o antigo e o novo governo Talibã (que após a retirada das tropas americanas hasteou a bandeira do arco-íris) não será contrastante com a receita que o mundo já está acostumado: neoliberalismo e um pouco de liberdade na esfera privada.

No que toca ao tema do terrorismo, em diálogo com a esquerda europeia preocupada com o crescimento de posições preconceituosas com imigrantes, encontramos uma possível abordagem para acontecimentos recentes e tragicamente corriqueiros no Brasil, como o crescimento do fascismo. Quando a polícia impede atentados de jovens que planejavam explodir e matar pessoas em escolas e locais públicos, não é raro que algum deles informe à polícia que o faria por ter sofrido bullying na escola. É, naturalmente, diria Žižek mostrando uma reflexividade irônica, uma justificativa que utiliza a vulgata das ciências humanas, i.e., um distanciamento em relação a si. Mas as justificativas não diminuem a culpa nem a responsabilidade. Por isso, Žižek afirma que não devemos imaginar como menos brutal que crimes feitos por um branco rico contra mulher negra os crimes feitos por minorias, por povos tradicionais, religiosos, por tudo que vem do rótulo de não-europeu, não-ocidental. Para que haja uma condenação de crimes contra dos direitos humanos em qualquer parte e feita por qualquer um, é preciso utilizar a universalidade.

Por esse motivo, Žižek insiste que “os próprios valores europeus proporcionam as melhores ferramentas para criticar a Europa” (Žižek, 2019, p.139). Aqui temos uma declaração que afirma a cultura europeia ser autossuficiente, por um inerente cosmopolitismo que incorpora o contraditório em seu núcleo. Toda universalidade é a de um tipo de particular que transcende a si mesma. Nos parece que isso poderia ser apontado, contra a tentativa de Žižek de escapar do colonialismo, como precisamente uma atitude colonial. Mas se assim for, desaparece do horizonte qualquer possibilidade de universalidade, pois ela pressupõe lidar com o contraditório ou, teríamos de concluir que esse tipo de colonialismo do universal não é de todo ruim.

Nesse sentido, Žižek afirma que a Europa descobriu os outros há muitos séculos, mas os outros povos estão descobrindo a Europa agora. Naturalmente, isso soa como uma tentativa de afirmar um certo tipo de superioridade europeia, o que Žižek não afirma diretamente. Mas, somos obrigados a comprar o pacote inteiro da cultura ocidental? Na medida em que cada aspecto é parte de um todo, sim; mas não, na medida em que o todo é cindido internamente, diria Žižek um tanto enigmaticamente.

O autor considera várias das lutas e debates contemporâneos como pseudolutas, como ideologia no seu estado mais puro, nos desviando dos problemas reais. Ele se detém, todavia, em poucas delas, com destaque para o problema (da falta) dos banheiros para transsexuais. Žižek argumenta que o desconforto das pessoas trans é marca potencial não apenas delas, mas de todos nós humanos, pois todos estamos além (trans) ou aquém de nosso gênero. O que é bastante de acordo com a perspectiva butleriana (Butler, 2010) segundo a qual os papéis e as identidades são vestimentas que nunca se encaixam bem no usuário.

Todavia, Žižek deixa bastante claro que esse argumento não tenta diminuir o sofrimento das pessoas trans, pois elas enfrentam a angústia do real da diferença sexual de modo encarnado, na carne. Žižek adiciona que, no movimento LGBTQ+ e no discurso teórico feminista, negro, butleriano, etc; acaba transformando o que proclamam ser apenas um momento fluido (como as identidades) em uma nova normatividade e fixidez. O argumento se torna mais claro quando aplicado ao caso do transgênero: o ‘trans’ almeja ir além da identidade de gênero, qualquer que seja ele, mas no momento que surge a angústia em torno do banheiro binário e excludente é a da falta de um lugar simbólico, ou seja, da falta de uma identificação apropriada que toma conta. Žižek

afirma que a criação de um terceiro banheiro só para trans ou para não binários no geral, deixaria o problema intocado, gerando novas angústias (como a de ser excluído); bem como a criação de um único banheiro para todos (o que apagaria o traumático da diferença sexual, pois inscreveria no simbólico que não há diferença). Ou seja, a desesperança que autor vem trazer: não há alternativa viável no horizonte para a resolução desse problema.

O maior risco que corremos, em meio às catástrofes e os problemas espinhosos, para o autor, é cair na renormalização: ele cita o caso de meio bilhão de chineses fugindo da poluição nas cidades para o campo, sobretudo os ricos. Não obstante a serração de fumaça e as máscaras contra gases (trazendo uma imagem pós-apocalíptica) o caos foi rapidamente renormalizado. Todos voltaram a seguir suas rotinas num novo normal. Agências de viagem logo aproveitaram para vender pacotes de viagens para ver o céu azul no interior, pois a postura geral é que: “o importante é não entrar em pânico, mas manter a aparência de que, apesar de tudo, a vida continua” (Žižek, 2019, p.342). Esses casos são analisados pela lógica freudiana do sonho, segundo a qual muitas vezes acordamos do sonho não para a realidade, mas para a continuação de um sonho, ou seja, para não encarar a realidade traumática que o sonho pode revelar.

Nesse ponto, Žižek está bastante sólido: não podemos lidar com tanta calma, morosidade e hipocrisia diante da crise climática. A questão climática é a que mais essencialmente toca a todos, a que nos lembra do significado da universalidade, inelutavelmente. O derretimento do gelo na Groelândia, acrescenta o autor, foi celebrado pela mídia como uma oportunidade para novos empreendimentos agrícolas, uma vez que o gelo abriu espaço. Igualmente, no Brasil, as queimadas que hoje ocorrem já deveriam simplesmente ser inaceitáveis ao ponto de gerar verdadeiras rupturas sociais, mas lidamos sem pânico, sem lidar com a seriedade e radicalidade necessária, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. A ideologia em seu estado mais puro nos permite continuar sonhando com "o aquecimento global como um simples fato corriqueiro, parte da maneira como as coisas 'continuam como sempre'" (Žižek, 2019, p.343).

O problema climático se converte rapidamente em problemas econômicos de desigualdade, visto que a maioria fica excluída das opções, como uso de ar condicionado, migrar, reordenações de cidades ricas para diminuir o calor ou afastar o mar, e até a colonização de outros planetas. Além disso, teremos o problema de refugiados climáticos (tendo em vista que secas, ondas de calor, etc., tornam regiões do terceiro mundo inabitáveis); sem mencionar a imposição de extinção e sofrimento a tudo que é não humano, portanto, à alteridade. Posto que o "capitalismo global explora catástrofes (guerras, crises políticas, desastres naturais) para se livrar de 'velhas restrições sociais [...] talvez os desastres ecológicos futuros, longe de minar o capitalismo, lhe sirvam como o seu maior estímulo" (Žižek, 2019, p.344). Não a toa, na pandemia da COVID, as fortunas de bilionários aumentaram, enquanto a da maioria diminuiu. Além disso, justamente aquilo que Žižek sente mais falta, a falta de uma organização social forte para cumprir e ampliar os lockdowns e quebrar as patentes, favoreceu o uso da vacina em massa, criando novos bilionários em torno dos insumos.

Considerações finais

A coragem da desesperança é uma leitura recomendável para aqueles interessados nos temas: terrorismo, identitarismo, politicamente correto, os rumos e limites da

democracia e aquecimento global. Podendo ser um modo de sair das perspectivas usuais, comuns, sem cair em perspectivas de direita ou conservadoras. Pode ter pouco proveito para aqueles que desejam uma análise acadêmica mais densa e rebuscada dos problemas. Conquanto, na falta dela, a leitura se torna bastante fluida.

O livro vem nos pôr no sentido da urgência, mostrando que as soluções que a esquerda liberal encontrou para os problemas não os resolve de fato, apenas nos deixa tranquilizados, ou seja, impede que encaremos os acontecimentos como verdadeiros acontecimentos. Assim, Žižek vem nos convocar a sair das posturas de denegação dos problemas, ou de pseudosoluções, a sair do quase acontecimento para permitir o peso traumático de um acontecimento. Por isso, ele chama atenção para o fato de precisarmos de “clichês novos”, de novos lugares comuns; pois os que temos hoje, apenas nos afastam do concreto, são apenas um tipo de negacionismo.

Uma vez que a alienação sempre nos encontra, “talvez devêssemos mudar a meta das lutas emancipatórias de superar a alienação para aplicar o tipo certo de alienação” (Žižek, 2019, p.110). Isto é, é preciso uma desistência de certos tipos de (falsas) liberdades e uma ação coletiva forte capaz de mudar o rumo catastrófico em direção ao qual estamos indo. A imagem inicial e final do livro é de alguém caminhando num túnel e vendo uma luz, essa luz não é a saída, mas um trem vindo na sua direção. Para Žižek, é nesse túnel que estamos. O modo de sairmos dele ou de enfrentá-lo é por soluções que abraçam a universalidade e nos tiram do particularismo de problemas restritos a grupos identitários; pois, quando se trata de problemas globais, todos sofrem, mas as minorias tendem a sofrer mais. Assim, pensar nas minorias, como tem sido o foco da esquerda, não pode em momento algum tirar do centro de seu esforço pensar nos problemas globais.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.